

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO COMER ENTRE MULHERES DETENTAS EM UMA UNIDADE PRISIONAL DO MUNICÍPIO DE TRINDADE - GO

SOCIAL REPRESENTATIONS OF EATING BETWEEN WOMEN IN DETAILS IN A PRISON UNIT IN THE MUNICIPALITY OF TRINDADE - GO

Emily Alves de Lima^a, Renata Gomes Dourado^a, Ingryd Garcia de Oliveira^{a*}

a – Centro Universitário Goyazes. Rodovia GO-060, KM 19, 3184 - St. Laguna Park, Trindade - GO,
75393-365, Trindade-GO, Brasil.

*Correspondente: ingryd.oliveira@unigoyazes.edu.br

Resumo

Objetivo: dar luz às representações sociais do comer para mulheres encarceradas em regime fechado. Metodologia: Trata-se de um estudo qualitativo descritivo o qual teve como eixo de abordagem a realização de entrevistas individuais com o auxílio de um questionário semiestruturado. Participaram do estudo 16 mulheres detentas. Resultados: O comer para presas no contexto penitenciário, envolve diferentes significados, práticas alimentares, fatores emocionais e afetivos, crenças como representações de ancestralidade e ensinamentos sobre a comida, e ainda a identidade relacionada ao comer. Neste estudo evidenciou-se que a privação de convivência em sociedade distancia as representações sobre o comer afetivo, embora essa dimensão tenha aparecido nas falas das detentas ao se referirem a períodos anteriores ao cárcere, como os momentos de refeições em família. Conclusão: As representações do comer no contexto do cárcere estão associadas a dimensões, biológicas, afetivas, crenças e identidade. A comida faz parte de um universo complexo que vai além das suas funções biológicas para alcançar um elo significativo na constituição identitária.

Palavras-chaves: Representação social. Alimentação. Saúde coletiva.

Abstract

Objective: to shed light on the social representations of eating for women incarcerated in a closed regime. Methodology: This is a descriptive qualitative study which had as its approach the carrying out of individual interviews with the aid of a semi-structured questionnaire. Sixteen women prisoners participated in the study. Results: Eating for prisoners in the penitentiary context involves different meanings, eating practices, emotional and affective factors, beliefs such as representations of ancestry and teachings about food, and even identity related to eating. In this study, it was shown that the deprivation of coexistence in society distances the representations about affective eating, although this dimension appeared in the statements of the detainees when referring to periods prior to prison, such as family meal times. Conclusion: The representations of eating in the prison context are associated with dimensions, biological,

affective, beliefs and identity. Food is part of a complex universe that goes beyond its biological functions to reach a significant link in the constitution of identity.

Keywords: Social representation. Food. Collective health.

Introdução

O ato de comer se expressa em diferentes dimensões inerentes ao indivíduo e sociedade. O comer é social, cultural, afetivo, político e histórico. Embora a comida seja constantemente associada à processos biológicos, como a função dos nutrientes nos processos biológicos, o ato de comer é complexo, e não é uma atividade meramente biológica. A comida é mediadora de relações sociais. Diferentes experiências de vida em sociedade de alguma forma se relacionam com a comida, as construções culturais, a regionalidade, os sentimentos despertados pelos pratos regionais, afetivos e simbólico exemplificam a mediação social do alimento (CONTRERAS; GRACIA, 2011; SANTOS; 2008).

O alimento se torna parte do indivíduo e das coletividades em diferentes dimensões. Assim, partindo da ideia de que comer é um ato cultural, político-social e afetivo, a alimentação adentra diferentes dimensões nas vivências cotidianas (FISCHER, 2001).

O comer pode ser analisado à luz de recortes e vivências sociais, como a contexto de mulheres em cárcere privado. A comida da prisão é objeto de estudo por meio de diferentes perspectivas epistemológicas. Souza et al., 2020 constataram em seu estudo que o contexto do encarceramento inviabiliza a garantia do direito à alimentação, principalmente em relação à disponibilidade de alimentos, adequação, acessibilidade e estabilidade do fornecimento. Relatório produzido pelo Núcleo Especializado de Situação Carcerária apontou uma realidade de má nutrição vivenciada pela população encarcerada, o relatório recebeu o nome de: “pena de fome” (NESC, 2020).

A árdua realidade vivenciada no sistema carcerário, implica nas representações sociais do comer para essa população. No Brasil, a alimentação como direito social foi assegurado a partir do ano de 2010, com a Emenda Constitucional nº 64. O conceito de Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) preconiza a realização do acesso a comida de qualidade em quantidade adequada, respeitando-se a cultura além de aspectos sociais e ambientais, à toda a população (BRASIL, 2010).

Nos sistemas carcerários o comer analisado sob a perspectiva das representações sociais permite a compreensão das vivências ao longo da vida, e como essas vivências são

elaboradas e proferidas pelos indivíduos. Para as mulheres detentas, torna-se importante tais compreensões, pois além da condição do cárcere, somam-se os contextos de multitarefas domésticas destinadas como responsabilidade das mulheres em família e na sociedade, tendo como pano de fundo os padrões e construções sociais de patriarcado e das demais distinções de gênero (MIRANDA; SCHIMANSKI, 2012).

Para as detentas, o contexto que envolve a comida é caracterizado por escolhas alimentares limitadas, ou em alguns momentos sem possibilidade de escolha. Além disso mulheres detentas estão afastadas de outras etapas que envolvem a alimentação, como o momento da compra, o preparo de pratos culinários e o comer em família ou entre amigos. Além disso nos presídios são frequentes as reclamações sobre a alimentação, e como disse Guzman (1983, p. 75):

“[...] o tema da alimentação nas prisões é de grande importância, não só porque o interno tem direito a uma alimentação sã e suficiente para sua subsistência normal, podendo ressentir-se sua saúde da sua insuficiência ou baixa qualidade, mas também porque é esse um poderoso fator que pode incidir positiva ou negativamente, conforme o caso, no regime disciplinar dos estabelecimentos penitenciários (GUZMAN, 1983).”

Ao assumir dimensões que estão além da perspectiva biologicista o ato de comer pode ser discutido por meio de Representações, as quais possibilitam as reflexões sobre os sentidos e ou significados construídos a partir da condição de encarceramento de detentos e detentas.

Os espaços prisionais estão vinculadas a representações de diferentes objetos, como: os espaços físicos da prisão; as relações entre detentas e profissionais do sistema penitenciário; e a comida. No caso de mulheres encarceradas, os diferentes pontos de vista sobre esses e outros objetos podem ser compartilhados (SOUSA et al., 2020).

O presente trabalho tem por objetivo dar luz às representações sociais do comer para mulheres encarceradas em regime fechado. Trata-se uma pesquisa de importante valor social e científico, uma vez que, elabora conhecimento por meio da voz de um grupo invisibilizado e vulnerável socialmente.

Material e Métodos

Realizou-se um estudo qualitativo descritivo o qual buscou levantar, por meio de entrevistas individuais as representações de detentas acerca do comer. A pesquisa qualitativa

é a que se aplica ao estudo das relações, representações, crenças, significados, e outros contextos subjetivos (MINAYO, 2014).

As participantes do presente estudo foram mulheres maiores de vinte anos, encarceradas sob regime fechado em uma Unidade Prisional do município de Trindade, Goiás. Foram incluídas no estudo mulheres que até o momento da entrevista estavam a mais de dois anos no sistema penitenciário, aquelas que estavam sobre regime fechado, e possuíam mais de 18 anos. Após o atendimento a esses critérios, as detentas que demonstraram consentimento na participação na pesquisa, foram contatadas para agendamento e realização das entrevistas, além da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram excluídas do estudo mulheres que estavam a menos de dois anos no sistema carcerário, as que cumpriam pena em regime aberto ou semiaberto, detentas que não concordaram em participar da pesquisa, além das mulheres que por outros motivos estavam impossibilitadas de participar da pesquisa.

O levantamento das falas e percepções das presas ocorreu por meio de entrevistas individuais realizadas durante o mês março no ano de 2019. As entrevistas foram realizadas por duas pesquisadoras da equipe, anteriormente treinadas. As detentas foram entrevistadas no pátio da Unidade de forma individual, sob a supervisão de uma agente carcerária.

Para condução da entrevista foi utilizado um questionário semi-estruturado elaborado pela equipe de pesquisa do presente estudo. Ressalta-se que a dupla que realizou as entrevistas também participou da etapa de elaboração do questionário. Sua elaboração se deu com base em estudos de revisões bibliográficas, livros e reflexões sobre o tema do estudo. A partir dessas construções, foram elaboradas questões acerca dos seguintes eixos: os significados do comer; sentimentos e afetos atribuídos a comida a; lembranças alimentares e aspectos da identidade alimentar.

Após a realização das entrevistas, a metodologia de análise foi delineada de acordo com as seguintes etapas: I – leitura exaustiva dos registros com respostas das entrevistas, II – identificação de sentidos semelhantes dentre as respostas das diferentes detentas, III – agrupamento de trechos semelhantes de acordo com seu sentido/ ideia proferida, IV – classificação dos agrupamentos de acordo com eixos de análise.

Além dos levantamentos das representações sociais o questionário continha questões para caracterização socioeconômica das detentas, como idade, constituição familiar antes do cárcere, estado civil, e escolaridade. As falas proferidas durante as entrevistas foram registradas por escrito pela dupla de entrevistadoras.

O método utilizado para a análise das falas foi a Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2009), a qual se caracteriza como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Foram utilizados como referencial teórico de análise a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2001) que busca compreender a construção da representação através da relação sujeito – objeto, tendo no presente estudo o sujeito (mulheres encarceradas) e o objeto (o comer).

A pesquisa seguiu os princípios éticos dispostos na Resolução Nº 466/ 2012. As participantes foram informadas sobre o delineamento da pesquisa, os benefícios e possíveis riscos de participação no estudo. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, parecer número 3.632.553.

Resultados

Participaram do estudo 16 detentas, dentre as quais 50% possuíam mais de 32 anos; 37,5 % entre 18 e 22 anos; e 12,5% possuem entre 28 e 32 anos de idade. Em relação à composição familiar 62,5% alegaram, que antes do cárcere, moravam com três ou mais pessoas, 18,7% com quatro a seis pessoas, e 18,7% com mais de seis pessoas. Dentre as entrevistadas 62,5% são solteiras e 37,5% casadas. Quanto ao nível de escolaridade, 43,75% tem o ensino fundamental incompleto, 31,25% o ensino médio completo, 18,7% tem o ensino médio incompleto e 6,25% cursaram até o ensino fundamental.

Com análise das entrevistas conforme delineamento metodológico pré-estabelecido, as falas foram arranjadas em quatro eixos conforme similaridade entre as falas das participantes, e expressões proferidas, assim, aos eixos abordados em resultados e discussão foram: i) significados do comer, categoria subdividida entre o comer e a dimensão biológica e o comer e as dimensões emocionais e afetivas; ii) memórias afetivas e a comida; iii) crenças, subdividindo-se entre crenças religiosas e populares e iv) relações identitárias com a comida e o cozinhar. A Tabela 1 apresenta as categorias de análise e as respectivas expressões extraídas das falas.

Tabela 1. Falas identificadas de acordo com as categorias de análise.

Categorias	Falas
Significados comer	<p>do O comer e a dimensão biológica:</p> <p><i>“Muito importante, se não se alimentar não tem como viver; Bom para a saúde. Meu filho ovo ele gosta, carne de vaca ele não gosta”.</i></p> <p><i>“Comer bem, se alimentar bem”.</i></p> <p><i>“Saúde, pele para o corpo”.</i></p> <p><i>“Matar a fome”.</i></p> <p><i>“sustância”.</i></p> <p><i>“Representa que o alimento e pra gente ficar forte”.</i></p> <p><i>“Se alimentar , alimentar nosso organismo”.</i></p> <p><i>“Satisfaz , sem comer não sobrevive”.</i></p> <p><i>“Comida, e meu alimento para me ajudar, minha energia física, até mental”</i></p>
	<p>O comer e as dimensões emocionais e afetivas:</p> <p><i>“Gosto;Prazer”.</i></p> <p><i>“Felicidade prazer; comida de mãe, arroz com carne seca”.</i></p> <p><i>“Calma, satisfaz, felicidade”.</i></p> <p><i>“Bom satisfação muito bom”.</i></p> <p><i>“Prazer nervosismo como; ansiosa como”.</i></p> <p><i>“Quando faço o que gosto, alegria e satisfação”.</i></p> <p><i>“(…) felicidade”.</i></p> <p><i>“(…) alegria”.</i></p> <p><i>“Satisfação, felicidade”</i></p> <p><i>“Alegria”</i></p> <p><i>“Cozinhar ouvindo música traz felicidade”</i></p> <p><i>“Alegria e satisfação”</i></p> <p><i>“Felicidade”</i></p> <p><i>“Me sinto bem, gosto de cozinhar com amor”</i></p> <p><i>“Me sinto bem, fazer a comida fazer bem”</i></p> <p><i>“Acho bom todos gostam da comida”</i></p> <p><i>“É maravilhoso quando as pessoas falam que você fez com carinho e o momento de reunir as pessoas”</i></p>
Memórias afetivas e a comida	<p><i>“Não sei dizer;costela me lembra do meu pai. Feliz, tipo eu gosto pra caramba”.</i></p> <p><i>“Strogonoff, minha mãe”</i></p> <p><i>“Costela me lembra do meu pai”</i></p> <p><i>“Vó”</i></p> <p><i>“Galinhada, minha irmã e vó,pelas reuniões de família”</i></p> <p><i>“Arroz e feijão; Filho”</i></p> <p><i>“Não só essa mesmo que lembra meus filhos”</i></p> <p><i>“Lasanha, bife acebolado”</i></p> <p><i>“O pequi que lembra mais o goiano, torta de tomate que minha mãe é acostumada a fazer”</i></p> <p><i>“Marido, macarrão”</i></p> <p><i>“O tempero da minha mãe o tempero da casa dos meus pais”</i></p> <p><i>“Sim do meu esposo do filho”</i></p> <p><i>“Tem, arroz com frango e macarrão família, reunião de domingo”</i></p> <p><i>“Galinhada remete família”</i></p>

“Macarrão com filhos e avó”
 “Frango ao molho, família em casa”
 “Churrasco, arroz com pequi. Pai”
 “Comida de mãe, arroz com carne seca”
 “Só a comida do meu pai”
 “Meu filho ovo ele gosta, carne de vaca ele não gosta”.

Crenças	Crenças religiosas “Quaresma”
	Crenças populares “Pepino e banana são remoso, peixe não como a noite pois faz mal” “Carne de porco, comer muito tarde”
Relações identitárias com a comida e o cozinhar	“Gosto, comida básica, ovos, feijão carne saladas” “Sim, todos, sou ótima na cozinha” “Gosto, de lasanha” “Gosto, arroz feijão salada frango” “Strogonoff, pego pra fazer melhor” “Todos os tipos de comida” “Verdura e salada” “De tudo um pouco” “Bolo de pote” “Macarrão de panela, lasanha” “Bolo, todos os tipos de comida” “Tudo, bolo, carne assada, variações” “Gosto, strogonoff e lasanha.” “Gosto. Cenoura” “Sim, arroz feijão, beterraba, arroz doce, milho, gosto de cozinhar para os meus filhos, quiabo, farofa de jiló, fígado acebolado, tudo eu gosto, faço lá em casa”.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

O significado do comer, foi constituído de duas dimensões de significado e representação - o comer e a dimensão biológica, e o comer e as dimensões emocionais e afetivas.

Dentre as falas das detentas, o aspecto biológico do comer, foi representado pela necessidade de sobrevivência do corpo fisiológico, nesse contexto o comer é posto como uma condição de manutenção da vida entre os grupos populacionais. Entre as entrevistadas a representação biológica do comer esteve relacionado a necessidade de sobrevivência biológica no contexto do cárcere: ‘sem comer não sobrevive’, ‘Comida, é meu alimento para me ajudar, minha energia física, até mental’.

Acerca das dimensões emocionais e afetivas do comer, percebeu-se que a ingestão de certas preparações pode trazer sensações de conforto, como prazer, satisfação, calma e

felicidade. Acerca dessa representação: *'Felicidade prazer; comida de mãe, arroz com carne seca'*. *"Calma, satisfaz, felicidade"*. *"É maravilhoso quando as pessoas falam que você fez com carinho e o momento de reunir as pessoas"*

As representações que envolveram as memórias afetivas e a comida, foram proferidas em descrições que contemplaram desde a forma como o alimento é preparado, até o seu consumo entre a família, o que provoca lembranças, emoções e sentimentos que remetem às vivências anteriores ao cárcere, sejam momento individuais ou por vezes coletivo, em família. Sobre o afeto que é lembrado e permeado pela comida, destacam-se alguns dos registros proferidos: *"costela me lembra do meu pai. Feliz, tipo eu gosto pra caramba"*. *"O tempero da minha mãe o tempero da casa dos meus pais"*. *"Galinhada remete família"*. *"Macarrão com filhos e avó"*. *"Frango ao molho, família em casa"*.

A respeito das crenças e suas intersecções com a comida, destacaram-se as crenças religiosas. Encontrou-se a representação sobre a quaresma, período em que é proibido a ingestão de carne de porco, ou carnes vermelhas em detrimento de rituais religiosos. Encontrou-se ainda as crenças populares, principalmente aquelas ligadas aos efeitos dos alimentos no organismo, como mostra essa fala: *"Pepino e banana são remorso, peixe não como a noite pois faz mal"*, estas são passadas por gerações, onde os pais ensinam os filhos, com isso cada um traz consigo suas próprias visões e práticas populares.

As representações sobre relações identitárias com a comida e o cozinhar evidenciaram alimentos e preparações que constroem a identidade de um povo. A comida como elemento central da cultura e da identidade. *"Gosto, arroz feijão salada frango"*. *"Gosto, comida básica, ovos, feijão carne saladas"*. O ato de cozinhar, sobretudo, para o outro foi evidenciado nesse eixo de análise, trouxe como identidade alimentar a prática culinária enquanto movimento de perpetuação da identidade e da comida de verdade: *"Sim, arroz feijão, beterraba, arroz doce, milho, gosto de cozinhar para os meus filhos, quiabo, farofa de jiló, fígado acebolado, tudo eu gosto, faço lá em casa"*. *"Strogonoff, pego pra fazer melhor"*. *"Todos os tipos de comida"*.

O conjunto de representações elaboradas e proferidas pelas participantes, resgataram dimensões do comer para além da perspectiva biológica. As diferentes significações do comer, as memórias afetivas, as crenças e a identidade alimentar demonstraram as complexidades do comer, e a potencialidade da comida, ao mediar relações e afetos, proferidos no contexto do cárcere. A comida marca a memória, o coletivo, e as vivências.

Discussão

As mulheres em condição de cárcere participantes do presente estudo foram majoritariamente jovens, solteiras e de baixa escolaridade. Em pesquisa realizada pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN, 2008), encontrou-se perfil semelhante ao do presente estudo em relação ao nível de escolaridade, com 74,2% das mulheres presas possuindo o ensino fundamental completo. Outro estudo realizado na Paraíba, o perfil etário das detentas foi semelhante a presente pesquisa (SOUSA et al., 2020).

Os elementos que evidenciaram os diferentes significados do comer, corroboram a literaturas que abordam as dimensões antropológicas e sociais da comida, embora o comer biológico, para se manter viva, também esteve entre as falas proferidas.

No cotidiano popular o alimento pode ser visto como o carboidrato, lipídio e proteína, assim como vitaminas e sais minerais. A incorporação das dimensões biológicas da comida também se insere no imaginário popular por meio da transformação do alimento (arroz, feijão, carne) em nutrientes, e partir destes, a assimilação de sua importância biológica (SANTOS, 2008).

Nesse aspecto o comer está relacionado à vitalidade do indivíduo, ou seja, a necessidade fisiológica de ingerir nutrientes que irão manter o corpo em funcionamento (HARRIS, 2011).

No sistema carcerário tem-se que o isolamento social e familiar podem influenciar no distanciamento das dimensões afetivas da comida. A comida servida nos presídios é objeto de estudo em diferentes abordagens, dentre as principais evidências sobre a comida dos presídios nota-se descumprimentos em relação às normas sanitárias de manipulação de alimentos, escassa variedade alimentar, cenário de ausências alimentares – em alguns estudos, como o relatório no NESC chama atenção o termo ‘pena de fome’ ao analisarem o contexto alimentar dos presídios do estado de São Paulo, e ainda cenários de descaso com a qualidade dos alimentos ofertados (SOUSA et al., 2020; RUDNICKI, 2011; NESC, 2012).

Ressalta-se que a falta de elementos culturais, regionais e identitários nos cardápios ofertados nos presídios, barreias à vivências afetivas comida, além do distanciamento da comida identitária e cultural. A privação da convivência familiar e social possivelmente distância as presas do contato com a comida afetiva: *“O tempero da minha mãe o tempero da casa dos meus pais”*, são proferidos como memória alimentar.

Segundo Maciel e Castro (2003), não há panorama alimentar ausente de ligações culturais, pois a comida é repleta de símbolos e sentidos. Enquanto elemento sociocultural ela assume uma forma interdisciplinar, tomando proporções antropológicas. O alimento se torna parte do indivíduo e de seu meio de convivência, partindo da percepção de que comer é um ato social, cultural, político e afetivo.

O estudo das representações do comer entre mulheres no encarceramento, evidencia relações entre o viver no espaço do cárcere e as representações de sentidos/ significados, sentimentos, lembranças, saudades, e processos identitários mediados pelo comer. A privação das relações sociais e familiares vivenciadas no meio externo ao cárcere impactam as representações do comer, principalmente ao promover distanciamento social e emocional de contextos proferidos durante as falas: momentos com a família, comidas/ pratos específicos, prática do cozinhar.

A representação acerca das crenças, religiosas e populares, ressignificam anos vivenciados em família, visto que no espaço familiar são comuns ensinamentos e sobre a “comida que faz mal”, como as combinações não recomendadas entre alimentos. Destacando-se ainda as crenças populares, atribuídas também a convivências sociais, culturais e identitárias.

Acerca da memória afetiva, Contreras (2011) traz que o psíquico humano é formado pela junção de emoções e pensamentos. Além disso a intersecção desses contextos leva o indivíduo a lembrar dos momentos nostálgicos que envolvem a alimentação.

O comer está ligado não só a identidade coletiva (a comida típica de grupos/ populações), mas também à identidade individual. As especificidades alimentares, como o gosto por determinada comida ou pelo preparo de alimentos caracteriza esse processo de construção identitária com base nas experiências vivenciadas com a comida (SANTOS, 2008; POULAIN, 2003).

A comida exerce importante papel na trajetória da sociedade, e conseqüentemente influencia a construção da identidade individual e coletiva. Assim os modos de preparo, hábitos alimentares e comportamentos de consumo no ser através da culinária. (FLANDRIN, 1998).

De acordo com Da Matta (2000), a comida é tudo aquilo que se ingere para manter a pessoa viva, porém entre alimento e comida, existem questões culturais e emocionais, onde entra tudo o que se come com prazer. Com isso o significado da comida envolve percepções e crenças. Para este autor, a comida vai além do alimentar, sendo assim um modo de vida, um

estilo e um jeito próprio. Ela serve tanto para suprimir quanto para definir identidades pessoais, de grupos, regiões, de ser, fazer, estar e viver.

Nota-se ainda a importante discussão de gênero ligada ao ato de comer. O cárcere feminino, isola ainda mais as mulheres das vivências em papéis socialmente construídos, como a sua função/ responsabilidade no preparo da comida para a família. Santos (2008), destaca que particularidades específicas de cada sexo se correlacionam às inserções sociais – classe social, etnias, culturas e gerações, incluindo os processos de construção da identidade.

A compreensão das representações do comer entre as detentas valoriza os sujeitos como protagonistas na narrativa de seus contextos e elaborações/ percepções, e ainda, considera o dinamismo presente nas relações cotidianas do cárcere, em que o individual e o social dialogam na construção dessas representações.

Conclusão

As representações do comer no contexto do cárcere estão associadas a dimensões, biológicas, afetivas, crenças e identidade. A comida faz parte de um universo complexo que vai além das suas funções biológicas para alcançar um elo significativo na constituição identitária. Além disso, por meio do comer levanta-se percepções sobre a intensificação das memórias alimentares.

Destaca-se o contexto do cárcere como base da reflexão sobre o comer, visto que, é nesse meio que se insere as representações levantadas na pesquisa. Representações que ora estão associadas à processos dinâmicos, como o resgate das memórias, afetos, e a identidade associada ao come; e ora estática, como a privação das mulheres com as vivências sobre o comer. Por fim, evidenciam-se limitações para discussão do estudo, devido a à insuficiência de estudos que abordem a presente temática.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil, Constituição Federal de 1988. Emenda Constitucional Nº 6º, dispõe sobre o Direito Humano a alimentação. 2010.

- BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Sistema penitenciário no Brasil. Dados consolidados [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2008.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. 5ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- CONTRERAS J.; GRACIA M. Alimentação Sociedade e Cultura. Fiocruz, 2011, 496p.
- DA MATTA, R. O que faz o Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- FLANDRIN, J-L. A humanização das condutas alimentares. In: FLANDRIN, J-L.; MONTANARI, M. História da Alimentação. 6º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 26-35.
- FISCHER, ROSA. Mídia e educação da mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na tv. 2001.
- GUZMAN, Luis Garrido. Manual de Ciência Penitenciária. Caracas/Madrid: Edersa, 1983.
- HARRIS, M. BUENO Para comer. 3ª ed. Madrid: Alianza Editorial; 2011. 390 p.
- MOSCOVICI, S. Das Representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. Rio de Janeiro: 2001.
- MACIEL E CASTRO. A comida boa pra pensar: Sobre práticas, gostos e sistemas alimentares a partir de um olhar socioantropológico. Rio de Janeiro-JR, 2003.
- MIRANDA T.L.; SCHIMANSKI, E. Relação de gênero: algumas considerações conceituais. In: FERREIRA, AJ., org. Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014, pp. 66-91.
- MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento. Hucitec: 14 ed. 2014.
- NESC. Núcleo Especializado de Situação Carcerária. Defensoria Pública de São Paulo (DPE-SP). Alimentação e prisões: a pena de fome no sistema prisional brasileiro. 2012, 8p.
- Livro: POULAIN, J. Sociologies de l'alimentation. Les Mangeurs l'espace social alimentaire. 2. ed. Paris: Paris Presses Universitaires de France, 2003.
- Plenário do Conselho Nacional de Saúde. RESOLUÇÃO Nº 466. 12 DE DEZEMBRO DE 2012.
- RUDNICKI, D. Comida e direitos humanos no presídio central de Porto Alegre. Revista Direito, São Paulo, v.7, n.2, p.515-538, 2011.
- SANTOS, LAS. O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo. Salvador: EDUFBA, 2008, 330p.
- SOUSA, L.M.P.; MATOS, I.N.B.; PAIVA, T.R.L.; GOMES, S.M.; FREITAS, C.H.S.M. Regime da escassez: a alimentação no sistema penitenciário feminino. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, n.25, v.5, p.1667-1676, 2020.